

RESENHAS

WAACK, Willian. *Camaradas. A história secreta da revolução brasileira*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

CAMARADAS

João Quartim de Moraes
Universidade Estadual de Campinas

O general Giap, o mais importante chefe militar do Exército Popular de Libertação que expulsou do Vietnã os invasores norte-americanos e seus prepostos locais, contentava-se em notar, quando lhe pediam para comentar seus vitoriosos métodos de guerrilha, que "a floresta é neutra". Tudo depende, com efeito, das qualidades, do valor e dos objetivos dos que a escolhem como terreno de operações.

Também é neutra a floresta de documentos que compõem um arquivo. Com a diferença de que ao percorrê-la, o pesquisador deve modelar-se mais pelo botânico do que pelo guerrilheiro. Cumpre-lhe observar, classificar, descrever e não atirar nos adversários.

É entretanto compreensível que face a documentos referentes a episódios dramáticos, envolvendo intensas paixões políticas, não mantenha a mesma frieza científica que o botânico estudando uma espécie vegetal. O que se pede, neste caso, ao pesquisador, não é uma improvável neutralidade e sim o sentido da objetividade. Basta, para tanto, que a vontade de compreender não fique atrofiada pela de fustigar o inimigo.

Daí a imensa dificuldade do desafio assumido pelo jornalista Willian Waack em seu livro *Camaradas*. Anuncia "não favorecer alguns em detrimento de outros", nem "retomar debates e pontos de vista totalmente ultrapassados com o fim da Guerra Fria", embora seja "inevitável que alguns mitos, imagens, carreiras e reputações - e crenças - saiam profundamente abalados ao final destas páginas"(p. 11).

Ao chegar ao fim "destas páginas" não logrei perceber onde estava o abalo. Acompanhara-me, como uma sombra, a impressão do "déja vu", ou, mais exatamente, do "déja lu". Com efeito, ano após ano, década após década, as cúpulas militares brasileiras, no lúgubre cerimonial que a cada 27 de novembro homenageia "as vítimas da Intentona Comunista de 1935", repetem, em linguagem estereotipada, as mesmas acusações contra o "movimento exótico e sedicioso" organizado pelo "comunismo internacional". Ora é exatamente esta a tecla em que incessantemente bate *Camaradas*. Com efeito, Waack pretende confirmar, em versão civilizada e expurgada das mentiras grosseiras incorporadas pela polícia do Estado Novo à "história oficial" da "Intentona", a principal acusação contra Prestes e seus camaradas: a de que agiram por ordem e a serviço de Moscou. Talvez sua pretensão de abalar mitos e carreiras tenha se alimentado mais do caráter probatório dos documentos que exhibe do que da descoberta de algum fato substancial (embora pitoresca, não se pode considerar como importante a revelação de que o café Paraventi serviu de fachada legal para agentes soviéticos). Esta hipótese será detidamente analisada mais adiante, menos a propósito dos documentos enquanto tais (sua autenticidade é indiscutível) do que dos espantosos métodos exegético-hermenêuticos que permitem ao autor, violando antiquíssimo adágio do filósofo eleata Parmênides, sustentar que a proposição P significa, na realidade, não P. Desde logo, porém vale notar que quaisquer que sejam (ou, segundo penso, não sejam) os eventuais efeitos dos abalos anunciados pelo autor (festejado repórter do Estadão), sua também anunciada pretensão de neutralidade infelizmente não pode ser levada a sério. O hábito é uma segunda natureza. Por mais sincero que possa ser Waack em seu desejo de esquecer a Guerra Fria, o fantasma de Stalin, de Manuilski, de Dimitrov e outros "astutos, inescrupulosos e implacáveis" chefes do Komintern (a adjetivação do autor por vezes lembra um exorcismo em forma de ladainha) interferem constantemente em sua prosa e em seu pensamento. Alguns exemplos, colhidos de maneira inteiramente aleatória. (Qualquer leitor que abra a esmo *Camaradas* encontrará de imediato outros tantos):

A búlgara Stela Blagoeva, "inquisidora-mor do Komintern" é definida como "antipática, malculhada,

malvestida e mal-intencionada" (p. 323). É provável que Blagoeva fizesse má figura num desfile de moda, mas ao que consta a competência de Waack neste assunto não é tão grande quanto a de Clodovil. O inquietante, nesta e em muitíssimas outras passagens do mesmo estilo, é que, ao assumir desabridamente sua antipatia por seu objeto de estudo, o autor ultrapassa os limites da documentação em que se apóia. Separar a informação da opinião é uma regra básica do jornalismo sério. Uma fotografia pode mostrar como se vestia Blagoeva. Mas que fosse mal-intencionada, é uma opinião - legítima enquanto tal - apressada do leitor como se tratasse de um retrato. Os documentos que cita a respeito da Búlgara do Komintern sugerem sobretudo um zelo fanático, traço caracteriológico frequente em ofícios inquisitoriais - religioso ou leigos.

Quando se refere a Prestes, a Ewert ou aos "estrategistas de gabinete" do Komintern, Waack tem sempre a mão pesada e uma capacidade telepática extraordinária de adivinhar estados de espírito alheios e velhos de mais de meio século. Prestes reage com "fúria", Ewert fica "furioso": faltam no Komintern "sinais de vida inteligente" etc., etc., etc. O fustigamento verbal é compulsivo e interminável. Teria sido mais simples - e economizaria papel - explicitar logo o silogismo implícito na narrativa:

Todos os agentes do Komintern são perversos.

Ora, X é um agente do Komintern.

Logo, X é perverso.

É no entanto relativamente a seu objetivo essencial, expresso no sub-título do livro ("a história secreta da Revolução Brasileira de 1935") que cabe avaliar a contribuição de *Camaradas* "para se repensar décadas inteiras de nossa recente história", como anuncia, sacrificando a modéstia à satisfação com a própria obra, a Introdução (p. 11).

Ao revelar que Prestes agiu por ordem de Moscou, Waack é o último a dar a primeira notícia. O "furo" jornalístico data de 1935. Sem dúvida, naquela época os arquivos de Moscou estavam guardados a sete chaves. A novidade que nos teria trazido Waack estaria nos documentos inéditos enfim revelados, o principal dos quais é o telegrama, assinado pela executiva do Komintern, enviado ao Rio de Janeiro na manhã do dia 27 de novembro de 1935. O título do capítulo VII de *Camaradas* reproduz a frase decisiva daquele telegrama: "Decidam vocês mesmos". A frase completa é: "Questão da ação (o levante) decidam vocês mesmos quando acharem necessário". Sempre muito otimista em relação a suas descobertas, Waack assegura que o telegrama "liquida uma das mais antigas indagações na história contemporânea brasileira"(p. 203). Contém, com efeito, "a ordem de Moscou para a insurreição"(p. 203). Uma "ordem" um tanto frouxa, já que transfere com insuperável clareza a responsabilidade da decisão aos destinatários do telegrama, Prestes, Miranda e Ewert. Waack, no entanto, escreveu o livro para provar o contrário, isto é, que os chefes do PC brasileiro não decidiam nada, apenas cumpriam ordens. "Decidam vocês mesmos", em sua lógica peculiar, significa "Não decidam vocês mesmos". Por um momento, aflora-lhe ao espírito a possibilidade de que nem todos os leitores consigam acompanhá-lo em tão acrobático salto dialético. Adverte-os, peremptório, de que: "Não adianta argumentar que a frase "Decidam vocês mesmos" atribui a Ewert e Prestes a dor da decisão" (p. 203). Se bem compreendemos a bizarramente anti-parmenídica lógica do audaz jornalista, ele está explicando que não adianta argumentar que "Decidam vocês mesmos" quer dizer "Decidam vocês mesmos". Tolicie. Quer dizer "Não decidam vocês mesmos". Para dissipar qualquer dúvida, o jornalista acrescenta argumento ainda mais fulminante que o anterior. Basta lembrar a frase de Stalin quando mandou iniciar o levante de Cantão, em 1927: "Proceda da maneira que considerar responsável"(p. 203). Devia Stalin ter preconizado um procedimento irresponsável? A profundidade do raciocínio do jornalista é decididamente insondável. De qualquer modo, é difícil ver o fundo de um charco de águas turvas.

Suponhamos, entretanto, que o fanático telegrama deva ser lido pelo avesso e que signifique portanto, como quer a esotérica hermenêutica waackiana, "Não decidam vocês mesmos". Ainda assim ele não explica rigorosamente nada da dinâmica de "revolução brasileira de 1935". Por uma razão tão evidente que não escapou ao próprio autor. Quando o telegrama chegou ao Rio de Janeiro, tudo estava consumado. Obedecendo, não as ordens de Moscou, mas à insurreição desencadeada em Natal por soldados e doqueiros comunistas no dia 23 de novembro de 1935 e ampliada para Recife no dia 24 de novembro, a direção nacional do PCB e principalmente Prestes, marcaram, no dia 25 de novembro, a data de 27, pela madrugada, para a trágica

quartelada que muitos outros, antes e melhor que Waack, já haviam analisado. O que não impede o autor de *Camaradas* de se referir, já no final de sua obra impagável, a "Moscou e as ordens absurdas que levaram à insurreição" (p. 327). Waack, pelo visto, é doutor em matéria de absurdos. Custa-nos ser indelicados, mas se comprarmos o livro de Waack pelo que ele vale e lograrmos vendê-lo pelo que ele apregoa valer, faremos um excelente negócio.

* * *